

NOTÍCIA BREVE SOBRE RUY DUARTE DE CARVALHO

por

Carlos Melo Ferreira*

Resumo: Ruy Duarte de Carvalho, antropólogo, poeta, cineasta, fotógrafo, escritor e professor, visto na forma como relaciona as suas diferentes actividades a partir da sua obra, de um ciclo e uma exposição no Centro Cultural de Belém, em Lisboa.

Palavras-chave: Antropologia; Cinema; Poesia; Literatura; Cultura; Língua Portuguesa.

Abstract: Ruy Duarte de Carvalho, anthropologist, poet, filmmaker, photographer, writer and professor, seen in the way he connects his various labours based upon his works, an event and an exposition in Centro Cultural de Belém, Lisbon.

Key-Words: Anthropology; Film; Poetry; Literature; Culture; Portuguese.

“Dei-me portanto a um exaustivo labor”

Ciclo Ruy Duarte de Carvalho
CCB 11-17 de Fevereiro 2008

Poeta e prosador, antropólogo, cineasta e fotógrafo, Ruy Duarte de Carvalho é, em todas estas actividades, um caso singular e invulgar na cultura de língua portuguesa.

Nascido em Portugal (Santarém) em 1941, adquiriu a nacionalidade angolana em 1975. Entre 1961 e 1974 trabalhou como engenheiro técnico agrário em cafeicultura, pecuária e fabricação de cerveja, tendo publicado em 1972 o seu primeiro livro de poesia, em Luanda. Depois de ter frequentado um curso de cinema em Londres, realizou filmes para a televisão e para o Instituto de Cinema Angolano entre 1975 e 1981.

Em 1982 diplomou-se pela École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris com um filme, “Nelisita”, e com um texto académico contra o cinema dito etnográfico.

* Doutorado em Ciências da Comunicação, especialidade Cinema, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Professor Auxiliar da Escola Superior Artística do Porto, onde lecciona nomeadamente uma cadeira de Antropologia Visual.

Doutorou-se pela mesma Escola em Antropologia Social e Etnologia, com uma tese sobre a produção da diferença cultural entre os pescadores da costa de Luanda, em 1986.

Desde 1987 tem ensinado antropologia nas universidades de Luanda (Angola), São Paulo (Brasil) e Coimbra (Portugal), e trabalhado junto de sociedades pastoris do Sudoeste de Angola e do Noroeste da Namíbia. Publicou dezenas de livros de poesia, ficção, viagem e ensaio. Reside em Angola e viaja com frequência.

Resumo deste modo a biografia dele a partir do jornal/catálogo “Dei-me portanto a um exaustivo labor”, publicado aquando do ciclo que lhe foi dedicado pelo Centro Cultural de Belém entre 11 e 17 de Fevereiro, que contou com a presença do próprio Ruy Duarte de Carvalho e foi comissariado por José António B. Fernandes Dias.

Convivo há muito com os livros, poesia, ficção, ensaio e viagens, do autor e também com os relativamente escassos filmes dele, o último dos quais, “Moía: O Recado das Ilhas”, de 1989, me foi dado ver durante este ciclo. Se comecei por o considerar um caso “singular” e “invulgar” na cultura de língua portuguesa foi precisamente por a personalidade e a obra dele me surgirem, num panorama cultural rico e variado como é actualmente o de expressão portuguesa, como identificáveis em termos de grande rigor e exigência pessoal mas também de excepcional qualidade nos diversos domínios em que tem trabalhado. Dessa personalidade e dessa obra não pretendo aqui fazer mais que dar notícia breve, a partir da exposição que acompanhou o ciclo em causa.

Homem de uma vasta e diversificada cultura, com referências fundamentais na literatura de língua portuguesa, na antropologia mas também na intervenção cívica, Ruy Duarte de Carvalho foi-se tornando, com o passar do tempo – um tempo que soube aproveitar –, com a sucessão de livros, palestras, conferências, de “um autor com referências” num “autor de referência”, mesmo a nível da escrita e da elaboração do pensamento.

Se “Vou lá visitar pastores”, relato de um inquérito antropológico na Província do Namibe, no Sudoeste de Angola, desenvolvido entre 1992 e 1997, chamou a atenção de todos para ele em 1999 pela singularidade da experiência e pelo inesperado rigor e fôlego da prosa (inesperado, pelo menos, para quem dele melhor conhecia a poesia), os livros subsequentes vieram apanhar, colher um leitor já prevenido como uma continuada descoberta. Efectivamente, na ficção com “Os Papéis do Inglês” (2000), na crónica de guerra, mas também de paz e de reflexão cultural, com “Actas da Maianga” (2003), no regresso à ficção no Namibe em “As Paisagens Propícias” (2005), nas crónicas do Brasil no excepcional “Desmedida” (2006), Ruy Duarte de Carvalho revela-se um mestre, um dos maiores na actualidade, na escrita de língua portuguesa, com uma sensibilidade ao detalhe, ao pormenor mais insignificante, na aparência, mas repleto de significado, qualquer que seja a sua escala – humana, animal, vegetal, mineral, elementar (terra, água, fogo e ar), geológica, histórica –, e com um uso da memória na narrativa como processo estruturante ele também invulgar, que se aliam à ficcionalização do narrador, à encenação do interlocutor e a uma prodigiosa criatividade simultaneamente visual e poética¹.

¹ Publicou ainda, nomeadamente, “Como se o mundo não tivesse leste”, volume que reúne três curtas ficções situadas na última fase do período colonial, escritas em 1975 e publicadas em livro em 1977 em simultâneo pela União de Escritores de Angola, em Luanda, e pela Limiar, no Porto, com nova versão revista e actualizada em 4ª edição nas Edições Cotovia, Lisboa, em 2003, e o ensaio “Ana a Manda – Os Filhos da Rede”, sobre a produção da diferença cultural entre os pescadores da faixa costeira de Luanda, em edição do Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa, em 1989.

E são memórias de antropólogo, as dele, como são cuidados de antropólogo os que dedica às pequenas coisas – o que, aliás, já resultava da sua poesia, recolhida num só volume em “Lavra”, de 2005. Mas memórias e cuidados de um antropólogo muito especial, com uma enorme atenção dedicada à antropologia visual e uma dedicação de fundo ao “trabalho de campo” e à “observação directa”, título este nada accidental de um dos seus livros de poesia.

Se a obra literária do autor, publicada em Portugal desde 1999 pelas Edições Cotovia, podia não apanhar desprevenidos alguns dos seus leitores portugueses seria naturalmente entre os conhecedores dos filmes dele e/ou dos livros dele sobre antropologia e cinema e/ou dos livros de poesia dele que esses “não desprevenidos” se poderiam encontrar – e essa era a minha situação.

De facto, para além de “Nelisita”, conhecia dele “Presente Angolano: Tempo Mamuíla”, série de 10 documentários datada de 1979, e, em edição do INALD de Luanda, o fundamental livro “O Camarada e a Câmera, cinema antropológico para além do filme etnográfico”, de 1984, reflexão completa e situada sobre o contexto em que ele fez filmes e se tornou um antropólogo-cineasta, com descrição pormenorizada das diversas fases que atravessa a criação de um filme, no caso um filme de ficção com traços documentais, “Nelisita”. De tudo isto ressaltava já com grande clareza que nele o ofício de antropólogo se desenvolvera com o recurso sério e rigoroso ao cinema, pelo menos numa primeira fase, aquela em que se vai fundamentar um pensamento antropológico claramente definido, ciente dos seus limites como da sua necessidade, bem como da utilidade do uso dos meios de gravação audiovisual.

Se a exposição “Essa maneira de convocar tudo”, que acompanhou o ciclo do CCB, me deu a medida de quanto desconheço ainda da obra do autor, nomeadamente no campo da Antropologia, ela serviu-me, pelo menos, para tomar melhor consciência da estatura intelectual de Ruy Duarte de Carvalho como um homem ligado à realidade do seu tempo, da qual a sua obra sempre parte, mas sem nunca perder de vista as origens e a demanda delas, alguém que não teme a solidão do deserto, que a procura mesmo, mas que também procura comunicar – pelo filme, pela escrita, pela fotografia mas também pelo ensino – aquilo que a sua investigação lhe proporcionou, permitiu descobrir, sugeriu como reflexão.

Tornado “cidadão do mundo” na Antropologia e na escrita, este angolano nascido em Portugal enfrenta sem receios a herança cultural do seu país de origem, de que percebe a importância no seu sempre fundamental trabalho de campo dedicado a Angola e a que se refere sem contemplos mas também sem ressentimentos. Assim, embora naturalmente centrado em Angola, o trabalho do autor lança e traça ligações com todo o mundo de expressão portuguesa, chegando a eleger um eixo do Atlântico Sul, como sugere o subtítulo de “Desmedida” – “Luanda – São Paulo – São Francisco e volta – Crónicas do Brasil” – e o livro amplamente confirma. Tudo a partir de Angola e com regresso a Angola, o que ele deixa sempre dito porque é fundamental e, por isso, todos os seus leitores devem ter sempre presente.

Se nesta fase mais recente do seu trabalho de antropólogo – digamos, para ser breves, depois do poético “Moía: O Recado das Ilhas”, filmado em Cabo Verde, que me faz lembrar o cinema de António Reis e Margarida Martins Cordeiro – a literatura parece ter substituído o cinema, nem por isso deixa de estar presente na escrita e até no desdobrar da memória que ela frequentemente implica uma influência da imagem cinematográfica como instrumento de captação visual e sonora do concreto das gentes e das coisas concretas,

instrumento esse propiciador de uma reflexão antropológica própria – e é mesmo muito curiosa a utilização das cassetes, uma utilização de preservação do registo oral, no caso do narrador, em “Vou lá visitar pastores”, que vinha já dos documentários dele *em que sempre utilizou o som directo*, num livro, note-se, em que o uso da fotografia é muito importante e em que a referência ao registo fílmico é meramente episódica. Um outro registo é, aliás, o da memória: o dos “papéis” – do inglês, do pai, do “*branco da Namíbia*” em “As Paisagens Propícias”, onde surge também o mail –, que servem para “memória futura”, o que é também uma das finalidades do documentário como registo audiovisual.

Dito por outras palavras, a noção de presente que os livros de ficção e de viagens de Ruy Duarte de Carvalho sempre mantêm leva-o a procurar as memórias, o passado, e assim a procurar as origens dos povos que estuda, designadamente os Kuvale, *desde tempos ancestrais*, e a tentar acompanhar-lhes a evolução *durante a colonização portuguesa e depois da independência*, até à actualidade, sempre sem perder de vista a proximidade de outros povos vizinhos nem a presença durante largos períodos quer dos portugueses quer de outros europeus além deles no mesmo território e em territórios limítrofes, em termos tais que levam amiúde as suas *estórias* a tocarem a História. E será muito curioso verificar como, em “Desmedida”, o autor parte na demanda das origens da sua formação literária e da inspiração da sua escrita e vai dar com uma matriz brasileira em “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa. Aliás, uma temática transversal a livros e filmes do autor, a da identidade e da alteridade, com a sua raiz também antropológica, pode dar uma ideia das suas preocupações, por ele tratadas e trabalhadas em registos diferentes, do discurso narrativo ao discurso antropológico, sem esquecer o poético.

É num texto de 1990 que o autor com maior clareza relaciona o cinema e a poesia e a ambos com a sua vocação antropológica. Aí define o cinema como “sistema de representação”, expressão “comum” e “cara” da análise antropológica, e o remete para o campo do “rito” como “encarnação do mito realizado e tornado experiência, vivificado e actualizado”, precisando de seguida que o mito terá sido substituído pela poesia, que passou a “fornecer hoje à percepção colectiva os materiais que se referem àquela experiência fundamental, totalizante e totalizadora, sem a qual os homens não seriam homens mas apenas bípedes mais apetrechados que os outros primatas, e que lhes confere uma estatura de inventores e de ordenadores de símbolos, aptos a manobrar sistemas tão complexos como o da própria poesia.” E conclui o raciocínio, longe de qualquer simplificação, afirmando que é a essa substância mítica que refere o cinema quando o identifica “com a substância do rito” e lhe atribui “uma função ritualizante em si mesmo e naquilo que exprime, ainda quando a matéria que exprime (...) é directamente recolhida da realidade”, como acontece nos filmes dele. Pouco adiante confessa que foi a sua “consciência de poeta como a de cineasta” que o levou à antropologia, embora tenha sido o cinema que lhe impôs a opção².

Pairará, depois disto, uma dúvida, que se refere aos motivos que o terão levado a deixar de fazer cinema. Uma citação dele que retiro da exposição em causa talvez contribua para a esclarecer. Aí ele diz:

² Ruy Duarte de Carvalho, in “Poesia, cinema e antropologia, três pólos de um exercício de acção (1990)”, texto incluído em “a câmara, a escrita e a coisa dita... fitas, textos e palestras”, Edições Cotovia, Lisboa, 2008, páginas 343-349.

“... a sustentar razões para manter a minhas distâncias em relação ao cinema dito etnográfico, outra das frentes de actividade em que talvez pudesse ter feito carreira, desta vez inequivocamente *internacional*, e abandonei por não estar disposto a colaborar na mistificação que o rodeia sempre (...) e a agir no pantanal de relações em que a prática do cinema, de uma maneira geral e tanto quanto fui experimentando, parece ter obrigatoriamente que mover-se”³.

Por estas palavras perpassa não só um cunho pessoal como também, e indissociável dele, uma ideia *ética* sobre a vida e os trabalhos dela, que caracteriza o pensamento sempre independente do autor e a sua maneira de o exprimir e que encontra expressão desenvolvida, completa nas palestras, conferências e textos avulsos, além daquela que, decantada, está presente na poesia, na prosa ficcional, no ensaio e na crónica.

Dito isto, poderei de alguma forma chamar a atenção para a importância actual de Ruy Duarte de Carvalho no campo da Antropologia, em que surge e se afirma como um antropólogo invulgar, com um percurso pessoal próprio perfeitamente definido e documentado, mas também como cineasta, como fotógrafo e como escritor, atento à sua terra e à gente que nela vive, mas também à história que delas vai evocando e convocando nas suas *estórias*, vocacionado além disso para uma circulação de conhecimentos que faz dele um professor nada “académico”, sempre dissociado do lugar-comum e sempre senhor e portador das suas ideias próprias, por si trabalhadas, por si lavradas graças “a um exaustivo labor”.

Se há um autor de que me posso permitir aconselhar um “consumo imoderado” aos leitores da Revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia ele é, por isso, Ruy Duarte de Carvalho, antropólogo, cineasta, fotógrafo, poeta e prosador angolano de língua portuguesa, que viu as suas intervenções públicas recolhidas em “a câmara, a escrita e a coisa dita... – fitas, textos e palestras” (2008) e que considero um autor fundamental na Antropologia e na escrita de língua portuguesa na actualidade, cujos escritos sobre o cinema e a antropologia ajudam a entender as relações entre os dois campos e os filmes que ele fez, e que também, obviamente, aconselho – esses escritos e esses filmes^{4,5}. Conhecer a obra dele torna-se mesmo indispensável para travar conhecimento com o pensamento pós-colonial numa das suas manifestações mais exuberantes e criadoras.

³ Ruy Duarte de Carvalho, na exposição “Essa maneira de convocar tudo”, CCB, 11/02 – 09/03 2008, citação retirada de “Vou lá visitar pastores”, pág. 274.

⁴ Chamo a atenção do leitor para o facto de o livro de Ruy Duarte de Carvalho que refiro nesta notícia breve, “O Camarada e a Câmera, cinema antropológico para além do filme etnográfico”, de importância absolutamente fulcral tanto para a antropologia como para o cinema, estar integralmente reproduzido na recolha citada na nota 2., supra, em “Cinema e antropologia para além do filme etnográfico (1983)”, pág. 388, e em “Da tradição oral à cópia standard. A experiência de *Nelisita* (1982)”, pág. 435, o que torna esta edição portuguesa, que inclui outros textos sobre a mesma temática, especialmente valiosa.

⁵ Sobre os filmes do autor quero aqui apenas chamar a atenção para o facto de, uns a preto e branco, outros com uso da cor (um dos documentários de “Presente Angolano: Tempo Mamúfla” usa mesmo os dois processos), serem quase todos filmados em 16mm, salvo “Moía: O Recados das Ilhas”, que é em 35mm e usa a cor, e “Videocarta para o meu irmão Antoninho”, vídeo a cores de 1986. Sobre o som directo e o comentário *off*, veja-se “Cinema e antropologia para além do filme etnográfico”, pág. 400, e “Da tradição oral à cópia standard. A experiência de *Nelisita*”, pág. 448 de “a câmara, a escrita e a coisa dita...” (respectivamente, págs. 27 e 81-82 de “O Camarada e a Câmera”), no último dos quais é formulada e respondida a questão ética que envolvem.